

Entrevista com Ondina Fachel Leal

Por Mario Pecheny - Outubro de 2009



PhD (1989) em Antropologia, University of California, Berkeley (The Gauchos: Male Culture and Identity in the Pampas) e Pós-Doutorado (1997) na área de Antropologia Médica, Harvard Medical School. Mestrado em Antropologia - University of California, Berkeley (1985); Mestrado em Antropologia Social PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1983); Bacharelado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980). É Professora Titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). De 2000 a 2006, foi Program Officer do Programa de Sexualidade e Saúde Reprodutiva da Fundação Ford, Escritório do Brasil. Desde 1998 é membro do Comitê de Pesquisa em Ciências Sociais e Saúde Reprodutiva da World Health Organization (WHO). É membro do Technical Review Panel (TRP) do Global Fund to Fight AIDS, Tuberculosis and Malaria desde 2009. Tem experiência na área de antropologia aplicada à saúde; antropologia médica; saúde reprodutiva, sexualidade e gênero; saúde ocupacional e cultura de segurança em empresas de grande porte; e Propriedade Intelectual. Entre suas publicações estão A Leitura Social da Novela das Oito, Petrópolis: Editora Vozes, 1986; a coletânea Corpo e Significado: Ensaios de Antropologia Social, 2ª Edição, Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2001; e mais recentemente, em co-autoria com Rebeca H. de Souza, a organização do volume Do Regime de Propriedade Intelectual: Estudos Antropológicos, Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010.

Como foi que você começou a trabalhar em questões de sexualidade em uma perspectiva mais de direitos?

A minha entrada na área do gênero, em um primeiro momento, foi muito mais acadêmica, do que política. Eu sou desta geração de ativistas políticos na tradição marxista e não feminista, onde desigualdade de gênero foi tomada como secundária à desigualdade de classe. Eu entrei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no curso de Ciências Sociais em 1970. Durante a ditadura, tempos de radicalização e de militância política, o que significou que aos 18 anos eu tinha que decidir o que iria fazer da vida: a revolução ou me preocupar com minha formação. Tentei fazer um pouco de cada. Fiz parte do meu curso de Ciências Sociais na Federal do Rio de Janeiro e outra parte nos Estados Unidos. Acho que embora fragmentado, acabou sendo uma excelente formação. Neste período, vivi por quase sete anos na Califórnia. Retornei ao Brasil, fiz o Mestrado em Antropologia na UFRGS e depois voltei novamente aos EUA e fui fazer doutorado também em Antropologia em Berkeley, na Universidade da Califórnia. Meu tema de tese foi identidade masculina, gênero e sexualidade -- um trabalho etnográfico bastante tradicional. Eu comecei o doutorado em 1983, então, mesmo em Berkeley, este tema era bastante novo naquela época. Estávamos no primeiro ano da epidemia de AIDS! Não se discutia sexualidade -- não era ainda uma coisa muito legítima na Antropologia ou nas Ciências Sociais. Havia

Foucault nesta época... Aliás, ele dava aula em Berkeley neste período – não na Antropologia, mas na Literatura e na Filosofia. Ou seja, as grandes referências estavam lá, o ambiente todo era de efervescência intelectual e política. E para quem vai fazer uma formação de doutorado, o ritual todo de uma etnografia em moldes clássicos era importante. Então, colocar sexualidade dentro dessa discussão era uma coisa bastante nova e importante. Mas a minha porta de entrada neste campo foi identidade masculina e a sexualidade masculina.

Por que iniciou esse tema ou como chegou a ele?

É aquela coisa que os antropólogos dizem: “o tema que me elegeu, o tema que me escolheu”. A minha dissertação de mestrado tinha sido sobre indústria cultural, telenovela, e eu, a partir deste trabalho anterior, estava mais preocupada era com a questão da circulação de representações de identidade, cultura “local”, produção da mídia e o consumo desta produção. No caso, eu trabalhei com gaúchos na fronteira Brasil-Argentina: a identidade gaúcha e como ela circulava entre Brasil, Uruguai e Argentina. Gaúcho no sentido mais restrito do termo – os caubóis, o pessoal que lida com gado, os peões de estância – e, portanto, cada vez focando na etnografia de como eles eventualmente consumiriam qualquer identidade midiática sobre o que eles eram. Aos poucos, ao longo do trabalho de campo, vai ficando muito mais interessante eles mesmos (os homens) do que essa circulação de identidade entre mídia e outras instituições produtoras da identidade gaúcha. Bem, e eles são homens que vivem isolados, entre homens. Tratava-se de uma cultura fundamentalmente masculina. Então, fui por aí, já que ser gaúcho, é ser homem... O que me ancorava teoricamente eram as discussões do Bourdieu sobre honra e as do [John George] Peristiany¹ sobre a assim chamada “questão mediterrânea”, trabalhando com sexualidade e com homossexualidade. Alguns autores, como Peter Fry², devem também ser referidos aqui, que trabalhando com culturas que não eram hegemônicas chamavam atenção para uma construção cultural do ser homem que mesmo incluindo atividades sexuais entre homens, não necessariamente se auto-percebiam como homossexuais³. Têm também trabalhos importantes de Alan Dundes⁴, Stanley [H Brandes]⁵, Gilbert Herdt⁶,

¹ Antropólogo, trabalhou nas Universidades de Cambridge e Oxford. Suas pesquisas dirigiram-se às culturas mediterrâneas e é considerado um africanista. Publicou *El concepto del honor en la sociedad mediterranea* (1968) e organizou, entre outros, a coletânea de trabalhos *Dote y matrimonio en los países mediterrâneos*, publicada em 1987.

² Ver entrevista com Peter Fry na seção [trajetórias intelectuais do website do CLAM](#).

³ Cf. FRY, Peter. *Para Inglês Ver: Identidade e Política na Cultura Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. FRY, Peter e MacRae, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983. FRY, Peter.

⁴ Foi professor de folclore e antropologia na Universidade da Califórnia em Berkeley. Dundes trabalhou em ampla variedade de tópicos, incluindo folclore urbano, briga de galos, provérbios, lendas indígenas norte-americanas e contos de fadas. Entre suas publicações encontram-se *The Morphology of North American Indian Folktales* (1964); *Life is Like a Chicken Coop Ladder: A Study of German National Character Through Folklore* (1984); *Cracking Jokes: Studies of Sick Humor Cycles and Stereotypes* (1987) e *Folklore Matters* (1989).

David Gilmore⁷. Mas, este olhar antropológico sobre a sexualidade masculina carrega consigo aquele viés antropológico do exotismo. É o olhar antropológico com o seu ônus e seu bônus: tem o poder epistemológico da relativização e de ver a cultura do “outro” nos seus próprios termos, e a coragem de enfrentar o novo; mas o custo disto é uma certa “exotização”.

E a versão mais política da sexualidade, como você foi chegando a esta confluência?

Eu acho que ela sempre esteve paralela ou confluyente às minhas pesquisas e às minhas atividades acadêmicas, pois, ao mesmo tempo, eu trabalhava com saúde reprodutiva, ou seja, percebo como uma questão de ênfase. A política está na vida. Vejo fazer antropologia ou fazer ciência também como ações políticas. Assim que eu terminei o doutorado, comecei a trabalhar muito com questões de saúde reprodutiva e politicamente estava comprometida na militância de direitos sexuais e reprodutivos. Eu não vejo a pesquisa e a política separadas desligadas, era só uma questão de ênfase em espaços diferentes. Sempre convivi com pessoas, instituições, movimentos sociais preocupados com estes temas. Trabalhando com masculinidade, além deste meu início nos Estados Unidos, de volta ao Brasil, meus interlocutores estavam muito mais na América-Latina como um todo, não se restringindo ao Brasil. No Chile, com José Olavarria e Teresa Valdés [Echeñique]⁸, algumas pessoas no Peru, como Norma Fuller⁹; na Colômbia, Mara Viveros [Vigoya]¹⁰; no México,

⁵ Professor de Antropologia na Universidade da Califórnia, Berkeley, onde desenvolveu pesquisas sobre sociedades camponesas, folclore, curso da vida, simbolismo, rituais e religião em culturas latino-americanas e européias. Entre suas publicações: *Migration, Kinship, and Community: Tradition and Transition in a Spanish Village* (1975), *Metaphors of Masculinity: Sex and Status in Andalusian Folklore* (1980), *Forty: The Age and the Symbol* (1985), *Power and Persuasion: Fiestas and Social Control in Rural Mexico* (1988) e *Staying Sober in Mexico City* (2002).

⁶ Especialista em antropologia da sexualidade e gênero, Professor de Antropologia e Estudos da Sexualidade e fundador do Departamento de Estudos da Sexualidade e do National Sexuality Resource Center da San Francisco State University. Entre suas publicações estão *Guardians of the Flutes: Idioms of Masculinity: A Study of Ritualized Homosexual Behavior* (1981); *Gay Culture In America: Essays From the Field* (1993), *Rituals of Manhood* (ed.) (1998); *21st Century Sexualities: Contemporary Issues in Health, Education, and Rights* (ed.) (2007).

⁷ Professor de antropologia na State University of New York, Stony Brook. Publicou *Manhood in the Making: Cultural Concepts of Masculinity* (1990) e mais recentemente *Misogyny: the Male Malady* (2009).

⁸ Socióloga atuou como pesquisadora da *Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO-Chile)*, onde criou a área de estudos de gênero. Entre suas publicações encontra-se a direção conjunta com José Olivarría da obra *Masculinidades y equidad de género en América Latina*. (1998). Trabalha na área de gênero e políticas de gênero, saúde sexual e reprodutiva, movimentos sociais e cidadania, pobre a políticas sociais. Existe entrevista a ser publicada na seção [trajetórias intelectuais do website do CLAM](#).

⁹ É Professora Principal na Faculdade de Ciências Sociais Pontifícia Universidade Católica do Peru, Bacharel em Antropologia pela mesma universidade; D.E.A. em Etnologia pela *Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, Paris, França, e PhD em Antropologia pela Universidade da Florida, EUA. Publicou extensamente sobre gênero, masculinidades e interculturalidade.

¹⁰ Antropóloga e Doutora em Ciências Sociais pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris, França e Professora Associada do Departamento de Antropologia e pesquisadora do Centro de Estudos de Gênero da Universidade Nacional da Colômbia, Bogotá. Publicou extensamente sobre teorias Feministas e

Benno de Keijzer¹¹, e Matthew Gutmann¹², entre outros. Todos vinham da discussão feminista de gênero. Abordava-se o masculino de uma forma relacional com feminino, focava-se em identidade de gênero. Tivemos vários encontros, foi um grupo interessante e foi rico e produtivo discutir estas questões. Teresa Valdés, naquele momento na FLACSO, organizou um encontro importante com financiamento da Fundação Ford e UNFPA (interessante: foi a área de População e Demografia que acho que academicamente primeiro se debruçou sobre estas questões). Neste encontro na FLACSO em Santiago em 1998, além dos latino-americanos acima citados, participaram também R.W. Connell¹³, Michael Kimmel¹⁴, Richard Parker¹⁵. Deste encontro Valdés e Olavarria organizaram o livro *Masculinidades y Equidad de Género em America Latina* que saiu publicado no mesmo ano. Acho que a partir de 2000 o tema de masculinidade já está consagrado na agenda das agencias de financiamentos e dos grandes eventos internacionais. Claro, estudos de sexualidade já faziam parte das preocupações com o advento da AIDS. E entra na agenda política junto com o ativismo na área de saúde, intervenção social, direitos sexuais. Esta ação política fica mais clara com a ação de ONGs e à medida que o movimento gay vai se estruturando com mais clareza. Ou seja, a minha militância particular ou as minhas

estudos sobre masculinidades, entre os quais se destaca *De quebradores y cumplidores: sobre hombres, masculinidades y relaciones de género en Colombia* (2002). Existe entrevista a ser publicada na seção [trajetórias intelectuais do website do CLAM](#).

¹¹ Médico Cirurgião pela Universidad Nacional Autónoma de México, Mestre em Antropologia Social pela Escuela Nacional de Antropología e Historia do Instituto Nacional de Antropología e Historia. É professor de educação e temas de gênero, desde 2007 docente–investigador do Instituto de Salud Pública de la Universidad Veracruzana, e co-coordenador no México da rede internacional MenEngage (Hombres, equidad y políticas públicas).

¹² Professor of Anthropology e Vice Presidente do Office of International Affairs, Ph.D. pela *University of California, Berkeley*. Desenvolveu pesquisas no Mexico, donde se destacam as publicações *The Meanings of Macho: Being a Man in Mexico City* (1996); *The Romance of Democracy: Compliant Defiance in Contemporary Mexico* (2002); *Fixing Men: Sex, Birth Control, and AIDS in Mexico* (2007).

¹³ Socióloga, Ph.D. pela *University of Sydney*, onde é Professora Titular. Cunhou o conceito de masculinidade hegemônica, área em que desenvolve pesquisa. Dentre suas publicações destacam-se: *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics* (1987); *Masculinities* (1995); e como co-editora *Male Roles, Masculinities and Violence: A Culture of Peace Perspective* (2000).

¹⁴ Professor de Sociologia da *Stony Brook University, New York*. Fundador e editor do periodic *Men and Masculinities*, e porta-voz da *National Organization For Men Against Sexism (NOMAS)*. Considerado uma importante figura dos estudos da masculinidade (men's studies). Dentre suas publicações destacam-se: *Changing Men: New Directions in the Study of Men and Masculinity* (1987), *Men Confront Pornography* (1991); *Against the Tide: Pro-Feminist Men in the U.S.* (1992); *The Politics of Manhood* (1995); *Men's Lives* (2010), *The Gendered Society* (2011), *Manhood: a Cultural History* (2012), *Guyland: The Perilous World Where Boys Become Men* (2008), e como co-editor do *The Handbook of Studies on Men and Masculinities* (2005) e *Men and Masculinities: a Social, Cultural and Historical Encyclopedia* (2004).

¹⁵ Graduado em Antropologia pela *University of California*, com doutorado e pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e voluntário da Associação Brasileira Interdisciplinar da AIDS (ABIA). Dedicar-se principalmente a temas ligados à sexualidade e cultura brasileira. Publicou, entre outros, *Corpos, prazeres e paixões* (1991) e *Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil* (2002). Existe entrevista a ser publicada na seção [trajetórias intelectuais do website do CLAM](#).

preocupações de intervenção social, a dimensão do político, foi se constituindo em minha trajetória a partir desta preocupação com o masculino, mas sempre teve mais a ver com demandas por políticas públicas.

E pensar a masculinidade, a identidade masculina, como lugar de sujeitos de direito não era contra-intuitivo, porque sob uma perspectiva feminista, o homem...

Como pesquisadora eu nunca cheguei a estar diretamente vinculada a este fórum de debate/embate. Porque, como disse, também vou me constituindo num campo pequeno, mais acadêmico, talvez um pouco como “gueto”. Mas eu acho que este “nicho” é também mais complicado e mais restrito ainda, porque essa identidade masculina com a qual eu lidava também não era a identidade gay. É a das muitas masculinidades, com a ênfase no “s”. Tratava-se de constituição da pessoa masculina, da construção social de ser homem, de um determinado modelo de masculinidade.

E as feministas não te questionavam, por que estudar isso?

Eu acho que não, os muros da academia em geral nos protegem bastante. Já na minha atuação na Fundação Ford¹⁶, sim. Como *Program Office* da área de Saúde reprodutiva, este questionamento apareceu no início: “Por que alocar recursos para trabalhar com jovens, com masculinidade, com movimento gay”; “como não priorizar mulher”. Isso, dentro da dinâmica de uma instituição e de gestão de recursos. Mas como estas respostas já estavam claras para mim, creio que foram sempre muito bem justificadas em termos de planos de ação e definições de prioridades programáticas. A minha trajetória acadêmica tinha me dado legitimidade com esta linha de interesse, para esta atuação. De fato, é preciso reconhecer, acabei tendo bastante apoio na Fundação.

E em termos acadêmicos você sempre trabalhou nessa área de saúde reprodutiva, masculinidade?

Não sempre, como mencionei, meu primeiro trabalho foi com telenovelas. Gênero, sexualidade e saúde reprodutiva acabam perpassando quase tudo que já fiz. Masculinidade foi o tema de doutorado. Uma coisa que marca muito a minha trajetória é a criação do Núcleo de Antropologia do Corpo e da Saúde¹⁷, este além de acadêmico, desde o início foi bastante comprometido com sociedade civil, oferecia assessoramento aos movimentos sociais, as ONGs. O GAPA¹⁸ é um exemplo. O movimento de AIDS, o movimento gay.

¹⁶ Organização internacional estadunidense de apoio a projetos a pessoas e instituições envolvidas em ações para a “consolidação da democracia, a redução da pobreza e da injustiça social e com o desenvolvimento humano”. <http://www.fordfoundation.org/>

¹⁷ Núcleo de Pesquisas em Antropologia do Corpo e da Saúde vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. O núcleo foi criado em 1989.

¹⁸ GAPA/RS: Grupo de Apoio na Prevenção da Aids - Rio Grande do Sul.

Estas narrativas são boas para organizarmos nossa própria memória: Eu me lembro agora de uma passeata de travestis nas ruas de Porto Alegre, em 1989, onde participei. Criou um certo espanto e “ti-ti-ti” minha presença na passeata representando a Universidade. Era 1989, eu lembro, eu tinha voltado dos Estados Unidos, e ainda não havia as *Pride Parades* no Brasil. Mas, como disse, nunca trabalhei unicamente com masculinidade. Fomos aos poucos criando este grupo de discussão mais internacional, a que me referi acima. No início dos anos 90’s o NUPACS recebeu financiamento primeiro da OMS¹⁹ e depois da Fundação Ford para pesquisa e intervenção na área de sexualidade e saúde reprodutiva, e não tem como trabalhar com estes temas sem trabalhar com direitos, direitos sexuais e reprodutivos, enfim, com questões de direitos humanos.

E sempre na Universidade? Depois você passou pela Ford, você fazia as duas coisas?

Não. Eu saí da Universidade, me licenci e trabalhei na Fundação Ford por sete anos.

E como foi isso de mudar de papel?

Bom, isto é sempre um pouco complicado. Mas quero acrescentar um ponto que acho importante para construir essa trajetória: foi esse financiamento da OMS para um projeto grande na área de comportamento sexual e saúde reprodutiva, isso foi em 89... Foi quando o NUPACS se constituiu – e esse projeto incluía um trabalho de campo sobre sexualidade com pessoas em idade reprodutiva, tanto com homens quanto mulheres. Desenvolvemos um instrumento de pesquisa (roteiro de entrevista sobre a vida sexual e reprodutiva) que era aplicado tanto na população masculina quanto na população feminina. Mesmo lá na OMS não tinha adaptação de um mesmo instrumento para trabalhar comportamento sexual e reprodutivo com homens e mulheres de forma a gerar dados com comparabilidade e representatividade. Esta ênfase desta pesquisa em uma perspectiva relacional de gênero focando em sexualidade era também inovadora para quem tradicionalmente trabalhava com saúde reprodutiva.

Que era como que uma maneira de sair-se da saúde reprodutiva e da sexualidade; porque essas coisas não se perguntavam, porque produziam embaraço.

Sim, certamente! Quando eu cheguei à Fundação Ford, em 2000, o Programa que eu assumi chamava-se “saúde reprodutiva”. Eu mudei o nome para “sexualidade e saúde reprodutiva”. Hoje [momento da entrevista, 2009], o Programa no Brasil se chama “Sexualidade e Saúde Reprodutiva”. Acho que é o único da Fundação Ford que se chama “sexualidade e saúde reprodutiva”. Eu achava que aquela “saúde reprodutiva” reduzia, excluía o homem, parece centralizar na procriação.

¹⁹ Organização Mundial da Saúde.

Na Universidade, quando formaram o Núcleo, tiveram alguma resistência também ou não?

Não na Antropologia. Na Antropologia nada é exótico o suficiente.

Pelo contrário...

Verdade que eu encontrei muita resistência, mas por outras razões, e isso foi em Berkeley e não veio da Antropologia. Porque em se tratando de estudo de sexualidade e de população rural e pastoril um capítulo da tese é sobre bestialismo. Então no momento pós-defesa, na fase de “registro” de tese na Universidade [não na avaliação da banca ou no processo de defesa de tese], mas na burocracia da instituição, esta insistiu que eu deveria omitir algumas coisas “indizíveis”. É engraçado pois o nome do capítulo (ou sub-capítulo) era exatamente “The Unspeakable” ou algo assim...

Sim, com as cabras...

Bem, gaúcho não cria cabras, mas ovelhas... Bem, brincadeiras à parte, tratava-se das questões de iniciação sexual do gaúcho. Mas o interessante é que não mudei minha posição e não cedi. Eu achei que valia a pena fazer a discussão e eu escrevi uma longa explicação sobre as minhas razões para manter aquele capítulo. O argumento deles, auto-proclamando-se guardiões da ética [e dos bons costumes], era que os relatos eram derogatórios para os homens envolvidos, os meus “nativos”. O meu argumento era que na perspectiva da cultura estudada, este não era o problema. De quem era o problema então? Parece risível, mas era a etnografia densa desvendando ditos, não-ditos e interditos em uma assim chamada cultura tradicional e revelando, em outro nível, e contemporaneidade do capitalismo avançado, um puritanismo inquisitorial.

Pelos direitos dos animais...

Bem, este é outro problema, essa discussão, no meu trabalho de campo, se dava em relação à outra celebração de masculinidade, a rinha de galo. Cada cena, ou cada capítulo, com sua polêmica.

E como foi, nessa sua trajetória de passar, ou coexistir como militante, como acadêmica, como professora...

Sempre buscando contribuir com políticas públicas...

Como profissional de uma Fundação, política pública...

Essa transição nunca é muito tranquila do ponto de vista pessoal. Pessoal em termos de acomodar as diversas frentes e atividades. Mas do ponto de vista da sociedade brasileira, do grupo, da Universidade eu acho que eu nunca senti como um problema a coexistência entre espaço acadêmico e fazer política. É muito mais um problema pessoal no sentido de

querer carregar várias bandeiras e ter tempo para fazer tudo. Acho que é a nossa trajetória de vida, fazer pesquisa séria, produção científica, formar alunos (muitos alunos!), desempenhar funções administrativas, ter tempo para a avaliação dos pares, para circular internacionalmente, participar dos comitês, de órgãos multilaterais. É preciso ter inserção, estabelecer diálogos e é preciso achar tempo para tudo. Agora estou no Fundo Global²⁰ e é uma carga de trabalho grande. Mas é algo que me exige individualmente, mas que vejo como uma oportunidade e um compromisso político e uma oportunidade de atuar nos “fronts” em que se acredita. Ficar atuando apenas na Universidade é cômodo, é muito mais fácil, mas é também muito mais entediante. Nossas escolhas vão nos levando para caminhos que, quando iniciamos, nem sempre sabemos onde podem chegar. Por exemplo, também foi esta trajetória sobre estudos de sexualidade e gênero que me levou a trabalhar com AIDS; a AIDS acabou me levando a trabalhar com propriedade intelectual: pela questão do direito de acesso às medicações. Eu vejo uma lógica nisto que pode não estar clara para quem está vendo de fora. É um direito o acesso à medicação, à saúde. Para mim isso está muito lógico e muito resolvido. A Antropologia, em geral, fala muito ainda pouco sobre propriedade intelectual ou sobre outros ordenamentos jurídicos.

Não fala de economia política.

Não fala de economia política. Bem, eventualmente... Essas são as transgressões saudáveis. Quando as fronteiras entre áreas do conhecimento se sobrepõem. Eu acho que são temas que a gente tem que ir descobrindo, e abrindo o nosso campo a estes novos temas.

Que autores, correntes, disciplinas, e mesmo professores concretos te influenciaram mais no modo, ou nos modos distintos e sucessivos de pensar a sexualidade e a política, e sua relação?

Eu acho que Bourdieu. E tem toda a crítica ao feminismo, é verdade. Mas eu acho aquela uma crítica bastante consequente. E os autores clássicos, Durkheim, Mauss, Lévi-Strauss. Tenho uma grande influencia de autores estruturalistas. Dos antropólogos brasileiros, quem mais me influenciou (e me influencia) é Luiz Fernando Dias Duarte²¹. Eu também diria que em termos de ideias eu tenho uma formação marxista e feminista. Mas a minha militância sempre foi um pouco mais ampla do que a questão feminista. Eu acho que o autor que mais me influenciou foi realmente Bourdieu. E a discussão francesa anterior, de Sartre, Simone de Beauvoir. A minha formação em Ciências Sociais nos anos 70 foi

²⁰ The Global Fund to Fight AIDS, Tuberculosis and Malaria. <http://www.theglobalfund.org>

²¹ Antropólogo, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutor em Ciências Humanas pela mesma universidade. Fez pós-doutorado na *École des hautes études en sciences sociales*, Paris. Atualmente é Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional/UFRJ. Dentre suas publicações destaca-se: *Da Vida Nervosa nas classes trabalhadoras urbanas* (1986). Atua nas áreas temáticas da construção social da pessoa, identidade, doença, família, religião, natureza e modernidade.

fundamentalmente marxista, bem, e claro, Weber e Durkheim. Mas eram os anos 70, pode haver algo mais sedutor a um adolescente de ler textos proibidos?...

E então Marx ou Bourdieu ou Marx via Bourdieu... Tiveram qual importância para pensar esses temas?

Marx, o próprio, com muito empenho, devorei toda a obra disponível em todas as línguas disponíveis (pois em português não havia). Aos poucos, inevitável, veio aquela coisa de ter uma desilusão muito forte com o marxismo e com o socialismo real. Esse, eu acho, foi um processo de toda uma geração. Eu me lembro que logo que começou a aparecer aquelas primeiras descrições sobre *gulag*, e críticas mais sérias ao marxismo, lia tudo com muita desconfiança. O fim da utopia. Então li muito [Cornelius] Castoriadis²², esses críticos do socialismo real, mas isto já nos anos 80. [Marshall] Sahlins²³ é um autor que me influencia muito, um marxista, eu diria, extremamente crítico e que estava dizendo que questões como gênero e cultura não tinham sido levadas em conta pelo marxismo. Então, vamos aos poucos construindo novos sonhos, pensar numa sociedade que seja mais justa, mas que inclua e que tenha espaço para a diversidade. Isso realmente passou a ser para mim algo central. Democracia, diversidade. Houve influencia, é claro, de minha vivência de Estados Unidos, mais precisamente na Califórnia, que talvez não fosse exatamente os Estados Unidos naqueles anos da contracultura.

Não era.

Não era, tens razão! De 73 a 79 foi o meu primeiro período na Califórnia: Havia movimento hippie, rock and roll, o início do movimento Gay, do movimento contra a guerra do Vietnam que termina em 1978... É o assassinato Harvey Milk e da vigília das velas... Quando estas coisas fazem parte do cotidiano da gente não tem como não se transformar na matéria que nos constrói. Assim como, poucos anos antes, no Brasil, correr da polícia, viver no medo, cultivar utopias também passou a ser parte inalienável de meu ser. Nenhuma pedagogia é mais eficiente do que aquilo que se vive intensamente e com muita emoção.

E de autoras e autores latino-americanos?

²² Filósofo, economista e psicanalista dirigiu a École des hautes études en sciences sociales (EHESS). Entre suas obras publicadas: *L'Institution imaginaire de la société* (1975), *Les Carrefours du labyrinthe* (1978), esta em seis tomos, o último em edição póstuma em 1999 e *Capitalisme moderne et révolution* (1979).

²³ Professor de Antropologia na Universidade de Chicago, EUA, especializou-se em estudos sobre as sociedades polinésias e sobre economias primitivas. Publicou em 1993 *Good-bye Tristes Tropes: Ethnography in the Context of Modern World History* no *Journal of Modern History*. É autor ainda de *Waiting for Foucault* e *Apologies to Thucydides: Understanding History as Culture and Vice Versa* (2004) e *Culture in Practice: Selected Essays* (2000).

Eu sempre li muito [Jesús Martín-] Barbero²⁴, dos latino-americanos, talvez o melhor. Li outros, mas não me influenciaram tanto. Claro que durante a minha graduação, sim, Enzo Faletto²⁵, todos os desenvolvimentistas. Mas não ficou muita coisa disso. Fernando Henrique [Cardoso]²⁶, mais toda a crítica do desenvolvimento desigual e combinado. Faz tempo isto. Envelheceram eles, envelheci eu.

E no Brasil? Porque quando perguntei sobre os latino-americanos, em minha cabeça incluía os brasileiros também.

Eu sei que do ponto de vista geográfico, sim, mas não do ponto de vista de tradições. Porque a tradição acadêmica na Antropologia acaba sendo bastante diferenciada... Na Antropologia, foram muitos os autores brasileiros aos quais me rendi...

E com quais colegas brasileiros e de outros países da América Latina você foi criando sua rede de discussão intelectual?

Eu acho que Mara Viveros é uma pessoa fundamental, mas isso já é no final dos anos 80. Antes disso, sendo do Sul (e este Sul aqui merece maiúscula), sempre tivemos estreitas e continuadas relações com o Uruguai e Argentina, sobretudo através de intercâmbios entre as universidades. Na UFRGS nós recebemos muitos alunos argentinos e uruguaios. Muitos.

E depois, agora nos últimos 5, 10 anos, com quem você trabalhou e que são seus interlocutores, que influências? Você hoje discute com quem?

Nos últimos anos, quer dizer, como Fundação Ford, aí o papel muda muito. É estar numa posição “do outro lado do balcão” que a gente se percebe que tem mais poder e meios de influenciar o campo e realidade política. Então, esse projeto todo dos direitos humanos que foi o Centro Latino-americano de Direitos Humanos e Sexualidade que acabou constituindo o CLAM, isto foi gestado como atuação junto com outros Program Officers de saúde reprodutiva na Fundação Ford, de um lado, e de outro, todas estas pessoas

²⁴ Semiólogo, Antropólogo e Filósofo. Professor em cursos de Pós-Graduação em Guadalajara (México) e em Bogotá e Cali (Colômbia). Publicou, entre outras obras, *Oficio de cartógrafo - Travessias latino-americanas da comunicação na cultura* (2004), *Al sur de la modernidad. Comunicación, globalización y multiculturalidad* (2001), *Comunicación masiva: discurso y poder* (1978) e *La palabra e la acción. Por una dialéctica de la liberación* (1972). Essa publicação é sua tese de doutorado em Filosofia.

²⁵ Sociólogo foi professor titular da Universidade do Chile e da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO). Publicou juntamente com Fernando Henrique Cardoso *Dependencia y desarrollo en América Latina* (1969).

²⁶ Sociólogo foi professor de Ciências Políticas e Sociologia na USP. Foi ainda Presidente da República Federativa do Brasil entre 1993 e 2003. Publicou, com Enzo Faletto, *Dependencia y desarrollo en América Latina* (1969).

fantásticas que acabam conformando o CLAM, Maria Luiza Heilborn²⁷, Sergio Carrara²⁸, Fabíola Rohden²⁹, Jane Russo³⁰. Havia discussões para criar o Centro, que enfim foi o CLAM, foi um processo de dois anos de discussão e de conhecer quem teria disponibilidade ou o perfil necessário para constituir um Centro Latino Americano nesta área. Ser um marco, uma referência, aglutinar movimentos sociais, pesquisa, políticas públicas... Como é que era a situação no Chile, como é que era a situação na Colômbia, como é que era a situação no Peru, no processo de identificar parceiros. Tivemos um período curto do Centro no Flora Tristán³¹; todas aquelas disputas, quer dizer, cada qual com suas competências, interesses e prioridades... Mas, ao final, creio hoje, que sem dúvida, o CLAM, em seu formato atual, conseguiu congrega as discussões deste campo de sexualidade e direitos na América Latina.

E na América Latina e no Brasil o papel da Ford, neste sentido, existe algo como um antes e depois da Ford ou é exagerado esse papel?

²⁷ Professora do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Pesquisadora do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos e do Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde, ambos no IMS-UERJ. Sua atuação tem privilegiado os estudos sobre gênero, sexualidade e família. Publicou, entre outros, *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário* (2004) e co-organizou *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros* (2006). Existe entrevista a ser publicada na seção [trajetórias intelectuais do website do CLAM](#).

²⁸ Professor do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ), desenvolve pesquisas na área da Antropologia do Corpo e da Saúde e atua principalmente nos seguintes temas: sexualidade, gênero, homossexualidade, direitos humanos e violência. Pesquisador do Centro Latino-Americano em Sexualidade. Entre suas obras publicadas: *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40* (1996) e *Crime e loucura: O aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século* (1998). Existe entrevista publicada na seção [trajetórias intelectuais do website do CLAM](#).

²⁹ Antropóloga, Mestre e Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professora adjunta do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realiza pesquisas e assessorias nas áreas de relações de gênero, corpo, sexualidade, saúde, gênero e ciência e história da medicina no Brasil. Dentre suas publicações destacam-se *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher* (2001) e *A arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX* (2003).

³⁰ Antropóloga, Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. Atualmente é professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social/UERJ. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Antropologia da Saúde. Tem diversos trabalhos publicados sobre a constituição do campo "psi" e de uma cultura psicológica no Brasil. Atualmente é pesquisadora do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (IMS-UERJ) tendo como principais temas de investigação a sexualidade nas classificações psiquiátricas e a institucionalização da sexologia contemporânea como campo de saber e atuação. Dentre suas publicações destacam-se *O corpo contra a palavra - o movimento das terapias corporais no campo psicológico dos anos 80* (1993) e *O Mundo Psi no Brasil* (2002).

³¹ Flora Tristán – Centro de la Mujer Peruana. Instituição feminista criada em 1979, Lima, Peru. <http://www.flora.org.pe>

Eu acho que seria exagerado. A Ford tem um papel chave, sem dúvida. Mas há outros atores importantes. Há também outras Fundações e Agências. Tem (ou teve) a MacArthur³² que foi muito importante. Para outros países da América Latina o papel das Fundações parece ter sido ser mais fundamental que no Brasil, e nesta equação, a Ford ocupa, ou historicamente ocupou, um papel proeminente porque, em geral, parece haver menos fontes de recursos locais e/ou governamentais. No caso brasileiro, o financiamento através de recursos públicos, como o da CAPES³³ e do CNPq³⁴, acaba tendo muito mais influência em uma agenda de pesquisa do que recursos de Fundações privadas estrangeiras.

E, atualmente, você está trabalhando sobre que temas na universidade?

Eu estou trabalhando com propriedade intelectual, mas na área de direito ao acesso à saúde. Ainda dentro da Fundação Ford eu tive oportunidade de fazer esta formação, este tema foi o que, ao final de meu período lá, mais eu estava bastante envolvida. Eu percebi não só a importância desta discussão, mas a sua prioridade no campo da AIDS. A militância na área de AIDS e na área de direito de acesso à medicação até o advento do Fundo Global foi algo que me mobilizou muito e uma prioridade programática dentro da Fundação.

Wuthering Heights!

Tanto a questão de direito a acesso a medicação (por onde consegui desenvolver alguns projetos internacionais interessantes e quero crer, importantes), quanto algo assim como ajudar a constituir o CLAM, foram para mim, nos meus anos de Fundação Ford algo que carrego com muito orgulho. Foram grandes desafios. O CLAM tem hoje visibilidade nacional, na região e internacionalmente. Produz pensamento estratégico.

Três perguntas: uma é sobre trabalhar em propriedade intelectual, em termos de teorias ou de metodologias ou de perspectivas. Você não vê como sendo uma evolução justamente nestes anos de passar da identidade e das práticas para tantos aspectos que, em princípio, podem ser pensados como muito alheios à sexualidade e à saúde, não? Porque, agora, parece natural meter-se em questões que poderiam ser mais políticas, mais de finanças.

Não. Vejo coerência em termos políticos, vejo um fio ligando estes pontos, estes temas. Esta “costura” é política. Em termos de movimento de AIDS no Brasil, que era uma das

³² A Fundação MacArthur, agência de origem estadunidense, financia diversas ações e projetos nas áreas: educação, saúde, política, religião, entre outras. <http://www.macfound.org>

³³ [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, além de coordenar o Sistema Nacional de Pós-Graduação brasileiro também fomenta a formação inicial e continuada de professores para a educação básica.](#)

³⁴ [O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico \(CNPq\) é uma agência do Ministério da Ciência e Tecnologia \(MCT\) destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país. <http://www.cnpq.br>](#)

“pastas” que cabia a mim como program officer, do meu Programa na Fundação Ford, uma das prioridades era trabalhar com HIV-AIDS, e dentro disso o direito de acesso a medicamentos essenciais. Pareceu-me importante como estratégia, acompanhar a sociedade civil que se mobilizava pelas flexibilizações do regime de propriedade intelectual, pelo prioridade da saúde pública sobre o lucro privado, pelo licenciamento compulsório de patentes dos retrovirais e pela manutenção e sustentável do acesso universal à saúde e medicação de AIDS. A flexibilização do TRIPs é fundamental para a sustentabilidade do Programa de AIDS no Brasil e mesmo o sistema universal de saúde pública do país que inclui acesso a medicação, que só pode ser mantido com a produção de medicamentos genéricos.

E, sem entrar em detalhes, em termos mais gerais, as dificuldades em torno da instalação do centro latino-americano... Quais foram, para você, os desafios mais complicados, os da língua, os da pertinência, no meio acadêmico ou no meio mais militante, quais foram para você os desafios mais complicados, o que foi possível superar e quais foram impossíveis?

Honestamente, o problema maior foi definir a parceria certa ou capaz de aglutinar vários atores, academia, sociedade civil, elaboradores de políticas públicas, ou seja, reunir produtores de conhecimento e aqueles que tem capacidade de atuação política. Na minha visão, só o ativismo bem (in)formado é politicamente eficaz, é capaz de transformação social. Na tradição Latino América, a Universidade sempre teve legitimidade, é um espaço mais neutro, capaz de abrigar diversidade de opiniões.

E em termos linguísticos, você levantou o tema do Brasil e o resto dos países que falam espanhol, isso é realmente uma barreira?

Nós achávamos que se fosse em um país de fala espanhola seria mais simples, porque, por alguma razão, a identidade latino-americana está muito mais vinculada a falar espanhol do que português. Então não adianta insistir. Bom, como antropóloga, esses são os dados. Na América do Sul, numericamente, mais pessoas falam português do que espanhol, eu sempre costumo dizer isso. Mas esse mapa cognitivo não faz parte do nosso imaginário da nossa América. Então não adianta. Isso está mudando, aos poucos, vai se constituindo outras hegemonias culturais.

Em termos teóricos, conceituais, para você quais enfoques hoje em dia são mais inovadores, mais interessantes? E quais se pode dizer cumpriram o seu ciclo? Para pensar também essa interseção entre a sexualidade e direitos ou sexualidade e política.

Três autores para mim são fundamentais: Foucault, Bourdieu e Sahlins. Acho que eles nos permitem estudar toda essa questão da política e do direito. Isto, falando em grandes quadros teóricos. Eu me movo muito bem dentro disso. Agora, autores mais

contemporâneos, quer dizer, eu leio muito do que o CLAM e que o Museu Nacional publicam, o que vocês escrevem, por exemplo alguns textos do Roger [Raupp Rios³⁵] foram muito importantes para mim, mas não se trata de uma proposta teórica. São reflexões, são importantíssimas. Mas acho que nós ainda não criamos uma nova teoria. No campo da Antropologia as últimas modas são [Bruno] Latour³⁶, é Tim Ingold³⁷ Eu sou extremamente crítica. Talvez seja a minha velhice. Eu tenho que ler mais para entender estas teses.

Sempre tenho dificuldade para pensar a produtividade teórica para a investigação, por exemplo, de Judith Butler³⁸, tenho muita dificuldade.

Eu acho muito difícil, complexas, Judith Butler e também Strathern. A Marilyn Strathern³⁹ trabalha com propriedade intelectual também. Mas eu acho o Gênero da Dádiva difícil. As descrições etnográficas são quase enigmáticas para mim e não paradigmáticas. Acho que para trabalhar com os alunos é árido. Traz questões interessantes de discussão. Acho que ainda preciso de grandes teorias e de uma reflexão que auxilie a ordenar realidade social, pois vejo aí a função da teoria. Noções presentes em Sahlins, na questão de performance e de negociação política, por exemplo, são ricas e cheias de possibilidades de aplicação para outras realidades.

E para avaliar, num momento anterior você disse que começou a sua tese, e agora aqui no núcleo há uma diversidade de temas que estão sendo investigados e tratados. Isso era impensável há vinte anos, não?

³⁵ Juiz Federal, atuando na área de direitos humanos, direitos fundamentais, direito da antidiscriminação, direitos sexuais e direito à saúde, algumas de suas publicações são: *A justiça e os direitos de gays e lésbicas - jurisprudência comentada* (2003); *Direito da antidiscriminação: discriminação direta, indireta e ações afirmativas* (2008). Existe entrevista publicada na seção [trajetórias intelectuais do website do CLAM](#).

³⁶ Filósofo e Antropólogo é Diretor Adjunto da Faculdade de Ciências Políticas, Paris. Suas pesquisas se relacionam à sociologia das ciências. Algumas de suas obras: *Nous n'avons jamais été modernes* (1991), *Petites leçons de sociologie des sciences* (1996), *Politiques de la nature-comment faire entrer les sciences en démocratie* (1999) e *Pandora's Hope: An Essay on the Reality of Science Studies* (1999).

³⁷ Professor de Antropologia na Universidade de Aberdeen, Escócia, estuda abordagens ecológicas em antropologia e psicologia, relações humano-animal e teorias da evolução em biologia, antropologia e história, entre outros temas. Algumas de suas publicações: *Lines: a brief history* (2007), *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill* (2000) e *The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations* (1986).

³⁸ Professora de Literatura e Retórica na Universidade da Califórnia, Berkley, EUA, produz estudos sobre performatividade de gênero, sendo reputada por seus aportes aos estudos queer. Entre suas publicações encontram-se: *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (1990), *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of 'Sex'* (1993), *Excitable Speech: A Politics of the Performative* (1997) e *Undoing Gender* (2004).

³⁹ Professora de Antropologia na Universidade de Cambridge, Inglaterra. Suas pesquisas dirigem-se a gênero, tecnologias de reprodução e propriedade intelectual. Entre suas publicações: *Women in between: female roles in a male world: Mount Hagen* (1972), *No money on our skins: Hagen migrants in Port Moresby* (1975), *The gender of the gift: problems with women and problems with society in Melanesia* (1988) e *Kinship, law and the unexpected: relatives are always a surprise* (2005).

É, acho que sim, seria difícil que a diversidade de temas coexistisse no mesmo local. Houve uma longa caminhada dos movimentos sociais, da sociedade civil e do debate acadêmico. As coisas vão acontecendo, o mundo vai mudando. O CLAM foi constituído, junto com os outros Centros (originalmente seriam quatro no mundo) a partir de uma proposta da Fundação Ford para avançar a agenda de direitos sexuais e reprodutivos globalmente. Acho que este caminho está sendo trilhado.

Muito obrigado.